



Para Além do *Post-Rock*: O surgimento de uma nova cena de rock instrumental tipicamente brasileira¹

Victor de Almeida Nobre Pires²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Com o surgimento de um número significativo de bandas de rock instrumental nos últimos anos, é perceptível o aparecimento de uma nova tendência dentro da música brasileira. O que antes era motivo de rejeição ou de estranhamento por parte do público, agora está adquirindo *status*, criando valores, movimentando o circuito de festivais independentes e chamando a atenção dos jovens. A partir deste artigo, analiso o surgimento de uma cena de rock instrumental com traços e características brasileiras, as apropriações de gêneros midiáticos no contexto da música popular massiva, informações sobre alguns artistas e a necessidade de entender o movimento para além do rótulo *Post-Rock*.

PALAVRAS-CHAVE

Cena Musical; Música Popular Massiva; Gênero Midiático; Rock Instrumental.

INTRODUÇÃO

No início dos anos 2000, começaram a surgir no Brasil, algumas bandas influenciadas por grupos estrangeiros, que mesclavam elementos de Rock Alternativo³, *Krautrock*⁴, *Shoegazer*⁵, música ambiente e eletrônica, podendo ter uma aproximação com o *Jazz* e outros gêneros eruditos.

Bandas como Tortoise, Mogwai, Godspeed You! Black Emperor, Do Make Say Think e A Silver Mt. Zion eram referências para boa parte dos grupos que nasciam no começo do novo século em solo brasileiro. Em grande parte, o acesso à Internet, a troca de arquivos digitais em MP3⁶ e a popularização da banda larga foram fatores essenciais para que músicos brasileiros mantivessem contato com o que de novo acontecia nos maiores centros culturais do mundo.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Aluno do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e participante do grupo de pesquisa Mídia e Música, coordenado pelo Professor Doutor Jeder Janotti Junior. victor_de_almeida@hotmail.com



Antes da chegada da Internet ao Brasil, os fluxos de informações se davam a partir de pólos muito centralizados, mesmo existindo uma cultura de fanzines em crescimento, onde circulavam produções sobre as bandas do circuito, não existia a facilidade que hoje se tem com a grande rede. Após a inserção da Internet, o país tornou-se um pólo ativo de recepção, processamento e envio de novas informações.

A premissa, como sabido, é a de que a comunicação um-todos, típica do modelo implantado pela cultura de massa, deu lugar ao modelo todos-todos que resulta da conexão generalizada em rede, onde emissores e receptores, ou, no caso da produção artística, artista e público se confundem ou alternam papéis.

(...) Sendo assim, o ciberespaço reconfigura e otimiza as interações sociais, criando um ambiente descentralizado e rizomático propício à troca, à reciprocidade, à criação de laços afetivos, onde relações mais democráticas se dão “naturalmente” a partir da produção e circulação da informação.

(SÁ, 2006, p.03)

O grupo paulistano Hurtmold se formaria em 1998, sendo resultado dessas novas informações que circulavam na rede. Com músicos que vinham de bandas de *Hardcore*⁷ de São Paulo, a banda seria responsável pela relativa popularização do estilo no Brasil e seria apontada como o principal nome da nova música instrumental brasileira. O conjunto já lançou quatro discos, e alguns deles ganharam edições em países como França e Japão, além de participação em algumas coletâneas e *splits*⁸.

Mas com o surgimento de outras bandas e aparecimento de novos músicos, o “movimento” que era apenas algo incidental, começou a tomar corpo. Outros trabalhos estavam aparecendo. Guizado, Mama Cadela, Labirinto, Elma, Tigre Dente de Sabre, São Paulo Underground, são apenas alguns dos nomes de bandas “sem vocal” que apareceram em São Paulo.

Em 2007, no dia 17 de julho, a Folha de São Paulo publicou na capa de seu caderno Ilustrada, uma reportagem sobre o surgimento e desenvolvimento de bandas instrumentais em São Paulo. Com clima de novidade e intitulada de “Rock esquisitão”, escrita pelo jornalista Bruno Yutaka Saito, a matéria traz entrevistas com Guilherme

³ Rock alternativo é um gênero que se tornou bastante popular na década de 1990. Era basicamente usado para rotular bandas que não se encaixavam em gêneros comuns do rock e ou que utilizavam mistura de estilos para criação de seu som. Comumente o termo aparece vinculado ao britpop, grunge e indie rock.

⁴ *Krautrock* é um nome genérico atribuído às bandas experimentais na Alemanha do fim da década de 1960 e começo da década de 1970. Bandas tipicamente definidas como krautrock são Tangerine Dream, Faust, Amon Düül II e Can, além das associadas ao produtor Conny Plank, como Neu!, Kraftwerk e Kluster.
(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Krautrock>)

⁵ *Shoegazer* é um gênero do rock popularizado na Inglaterra no final de década de 1980. O seu principal expoente é a banda My Bloody Valentine.



Granado, do Hurtmold, Fernando Coelho, do Mama Cadela, e Guilherme Mendonça, do Guizado. Saito afirma:

Se, antes, a banda Ira! era a cara de São Paulo, ao cantar versos como “pobre São Paulo, pobre paulista”, hoje grupos “silenciosos” como Hurtmold refletem toda a confusão, as contradições e a variedade cultural que movem a cidade. (2007, p. 01)

Mas o que a reportagem não abordou é que a partir do mesmo ano de 2007, muitas bandas iriam continuar a aparecer, mas com um diferencial em relação aos grupos de São Paulo: a localização geográfica. O cenário propício para o surgimento de propostas mais experimentais não estava restrito apenas à Região Sudeste, várias bandas começariam a aparecer, com duas características importantes, em centros afastados e muito diferentes musicalmente umas das outras.

As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, revelariam muitas bandas desse novo cenário. Isso mostra uma tendência de descentralização da música brasileira. A mistura de influências, tradições, com velhos e novos ritmos são características dessa descentralização, criando uma pluralidade de sons e agregando valores à cena emergente.

Mas essas bandas que nascem em regiões mais remotas do Brasil, teriam alguma relação com as pioneiras no estilo, nascidas em São Paulo? Embora Guilherme Granado negue na reportagem: “Não transitamos por nenhuma cena, não gostamos do rótulo ‘instrumental’” (SAITO, 2007), é possível afirmar que está nascendo no país uma cena de rock instrumental.

Bandas dos mais diversos lugares surgem, lançam seus trabalhos, se influenciam e alargam os campos de possibilidades, traçando novos percursos e trazendo novidades. Mas além do crescente número de bandas, outros fatores influenciam para o fortalecimento da cena, são eles: o número de eventos voltados para o gênero, bem como a abertura de festivais já existentes, a profissionalização da cadeia produtiva (músicos, estúdios, home estúdios, ferramentas para distribuição da música, produtores), maior interesse do público e o reconhecimento da crítica musical especializada.

⁶ MP3 é uma abreviação de MPEG 1 Layer-3 (camada 3) formato digital para compressão de áudio com pouca perda de qualidade quase que imperceptível ao ouvido humano.

⁷ *Hardcore* é um gênero derivado do *Punk* caracterizado por uma maior agressividade e com tempos mais rápidos. Algumas das bandas pioneiras nasceram na Califórnia, entre 1978 e 1980, são exemplos: Black Flag, The Adolescents, Suicidal Tendencies.



A CENA

Acessando o acervo de bandas cadastradas no site da Trama Virtual⁹, e filtrando as bandas de acordo com o gênero, foi encontrado o número de 215 bandas dentro do subgênero *Post-Rock*¹⁰. E dentro do gênero Instrumental, foram encontrados outros 550 grupos.

É possível que boa parte desses grupos possa estar fora de contexto quanto ao rótulo, já que a rotulação é feita pelo próprio músico, não por críticos ou pesquisadores musicais. Mas de qualquer maneira, é considerável o número de bandas brasileiras inscritas dentro destes gêneros.

Antes de descrever a crescente cena brasileira de grupos de rock “sem vocal”, é importante analisar o conceito de cena musical. Nos estudos culturais brasileiros, poucos autores têm refletido sobre o tema. Hoje em dia, é de vital importância o entendimento das relações, formações de identidade, gosto e afinidades musicais dentro do espaço urbano, e nesse contexto o entendimento de cena é fundamental para compreender os diálogos entre os produtos culturais, e toda sua cadeia produtiva, e o público.

Um dos estudiosos preocupados em analisar o conceito de cena musical é o canadense, Will Straw. Professor do Departamento de Comunicação e História da Arte da Universidade de McGill, ele procura entender como se estrutura uma cena musical, quais são suas relações com as formações de público e qual é a importância das cenas para consolidação de uma cultura jovem.

De acordo com Straw, cena musical é “um espaço cultural em que várias práticas musicais coexistem interagindo entre si com uma variedade de processos de diferenciação” (1997, pg. 494). Essas práticas musicais abrem possibilidades de auto-reflexão e de uma influência mútua dentro de um mesmo contexto.

⁸ *Splits* são CDs produzidos em formatos de coletâneas contendo duas ou mais bandas. Discos desse tipo foram muito produzidos no início da década de 1980 por grupos de *Punk*, *Hardcore*, *Indie Rock* e *Heavy Metal*.

⁹ Trama Virtual é uma plataforma digital vinculada à gravadora Trama para armazenamento e criação de perfis de bandas independentes. Atualmente, o acervo do site é o maior da Internet brasileira. No dia 12 de Abril, 69.462 estavam cadastradas no site. O site é conhecido por trabalhar novas formas de estímulo e fomento ao artista independente brasileiro, alguns projetos conhecidos são o download gratuito para o usuário e remunerado para o artista e o Álbum Virtual.

¹⁰ *Post-Rock*, ou *Pós-Rock*, é um gênero musical caracterizado pelo uso de instrumentos comumente associados ao rock tradicional, mas usando ritmos, harmonias, melodias, timbres e progressões de acordes não relacionados ao rock. Bandas de *Post-Rock* são caracterizadas por produzirem música instrumental. Tortoise, Mogwai e Explosions In The Sky são bandas vinculadas ao gênero.



João Freire Filho e Fernanda Marques Fernandes afirmam:

A utilização do conceito de cena permite escaparmos de uma descrição mais restrita da mecânica da experiência sociomusical, ampliando o escopo da análise, passando a considerar a rede de afiliações mais ampla que permeia atividade musical (...) Lançar mão do conceito de cenas musicais – como moldura analítica para o estudo da lógica de formação das alianças, no campo da experiência musical independente da cidade – pode ajudar a capturar, mais integralmente, a gama de forças que afetam a prática musical urbana. (2006, p. 33)

Um bom exemplo da consolidação dessa cena de rock instrumental brasileiro é o interesse crescente de veículos culturais de grande porte. O que antes era material apenas veiculado em pequenos blogs e fanzines com pouco alcance começou a chamar a atenção de revistas como as edições nacionais da Rolling Stone e Billboard e canais de televisão como TV Cultura, Multishow e MTV. Alguns programas dessas emissoras têm aberto espaço para bandas instrumentais, divulgando entrevistas, críticas de álbuns, cobrindo eventos e apresentando novas bandas.

Em 2008, a Rolling Stone considerou o disco da cuiabana Macaco Bong, “Artista Igual Pedreiro”, como o melhor do ano a frente de trabalhos como os de Mallu Magalhães, Lenine, Ney Matogrosso e Tom Zé. Ainda figuraram na mesma lista: Guizado (6º), M. Takara (19º) e Pata de Elefante (20º). E em 2009, o álbum “Cha Cha Chá”, da baiana Retrofoguetes entrou na lista e ficou com o 21º lugar.

A TV Cultura e o Multishow, em seus programas Trama/Radiola e Experimente, respectivamente, têm aberto espaço na programação para que as bandas se apresentem ao vivo. Já passaram pelos programas bandas como Hurtmold, Pata de Elefante, Eu Serei a Hiena, Macaco Bong, Guizado, Retrofoguetes, dentre outras.

No caso da MTV, o canal além de apresentar algumas bandas em vinhetas durante o intervalo, foi o primeiro canal a promover um prêmio para o gênero Instrumental no VMB¹¹ de 2009, na oportunidade vencida pela Pata de Elefante. Para o ano de 2010, a MTV por meio de seu site liberou uma premiação para os novos nomes da música brasileira e mais uma vez a categoria Instrumental está presente. Bandas da nova safra concorrem ao prêmio, são elas: Labirinto, A Banda de Joseph Tourton, Fóssil, Bufalo, Fantasmagore, Malditas Ovelhas, Oceanic, Os Gameboys, Porto e Tigre Dente de Sabre.

Ainda no ano passado, o canal transmitiu um especial sobre o Festival Produto Instrumental Bruto (PIB)¹², primeiro festival brasileiro dedicado ao rock instrumental.



No programa, todas as bandas do evento foram entrevistadas e tiveram uma música de seu show transmitida em rede nacional.

O PIB, como é conhecido, já teve duas edições nos anos de 2007 e 2009. O formato do festival é competitivo, onde 12 bandas se apresentam em quatro noites temáticas acompanhadas por bandas madrinhas, vencedoras da edição passada, ao final dos shows são apresentadas as bandas campeãs. O que chama a atenção é a curadoria do festival que antes da escolha abre inscrições para bandas de todo o Brasil. Para a edição de 2007, 50 grupos se inscreveram, em 2009, 120 propostas foram enviadas para a organização e, em 2010, 142 bandas fizeram a inscrição.

Já participaram do PIB: Aerotrio, Chimpanzé Clube Trio, Tigre Dente de Sabre, Elma, Fantasmagore, Grooverdose, Macaco Bong, Malditas Ovelhas, Retrofoguetes, Reverba Trio, SaunoFlex, The Violentures, Pata de Elefante, Cosmorama, Lenore, Mama Gombô, Dead Rock, Búfalos D'água, Gasolines, Maremotos, Fóssil, Labirinto, Mama Cadela e a banda Músicas Intermináveis Para Viagens.

Além do PIB, outros grandes festivais independentes têm aberto espaço para as bandas de rock instrumental. Coquetel Molotov (PE), RecBeat (PE), Abril Pro Rock (PE), Goiânia Noise (GO), Calango (MT), Varadouro (AC), Do Sol (RN), Mundo (PB), Se Rasgum (PA) são exemplos de produções que abrem espaço para a nova música instrumental. Além de iniciativas menores como o projeto Pequenas Sessões (MG) e a recente Mostra Instrumental Contemporânea (RJ).

Como já comentado, o nascimento dessa cena se dá em um momento de profissionalização do cenário independente brasileiro. Festivais independentes surgindo, novas bandas aparecendo, um circuito de shows e novas rotas sendo criadas e, principalmente, os próprios músicos sendo responsáveis por todo o processo de produção de seus trabalhos, desde a gravação do material, passando pela distribuição e agendamento de shows.

Selos independentes aparecem pelo país. Cada banda, praticamente tem o seu selo ou sua distribuidora. Das bandas que utilizam o modelo de autogestão e possuem selo próprio se destacam: a mineira Constantina (*Le Petit Chambre*), a paulista Labirinto (Dissenso), Hurtmold, Bodes & Elefantes, São Paulo Underground e M. Takara (*Submarine Records*) e a cuiabana Macaco Bong (Fora do Eixo Discos). Ainda valeria a pena citar o selo Open Fiel, responsável pelos lançamentos de Ruído/mm, Colorir, Blanced e Objeto Amarelo, e a distribuidora de discos Peligro.



Mesmo com todo esse aporte para distribuição, circulação e distribuição das músicas se dão em grande parte pela Internet. Sites como Myspace, Trama Virtual, Last.FM e redes sociais como Orkut, Twitter, Facebook e Fotolog são as principais ferramenta das bandas para divulgação na rede. De acordo com Simone Pereira de Sá:

(...) a utilização da Internet para a produção-circulação-consumo e também pelo seu discurso de apelo contracultural, utilizado para sua auto-afirmação como uma subcultura *underground* em oposição ao *pop mainstream*¹³ produzido e divulgado pelas mídias massivas.

O argumento corrente para explicar o conjunto dessas transformações é o de que a comunicação em rede constrói um novo modelo de produção, distribuição e consumo cultural cuja ênfase é na relação direta entre produtores e consumidores, através da liberação do pólo de emissão. (2006, pg. 02)

É importante perceber como se dá essa relação das bandas com a rede. Um sinal da mudança de plataformas é o Álbum Virtual¹⁴, site vinculado à Trama Virtual que lança digitalmente discos de bandas independentes e disponibiliza para download gratuito. Dois álbuns lançados são de bandas instrumentais, o comentado “Artista Igual Pedreiro”, do Macaco Bong e o recém-lançado “Na cidade”, da Pata de Elefante. Ainda está previsto para 2010, o lançamento do novo disco do Guizado.

Mesmo com toda a tecnologia e novos suportes para lançamentos de música na Internet, as bandas continuam investindo no disco em formato físico. Principalmente, pelo potencial de agendamento, de colocar a banda na mídia, promover o novo trabalho, lançamento da turnê do novo álbum. Mas principal maneira para a difusão das músicas das bandas é a Internet. A página do Myspace do Macaco Bong teve, até o dia 21 de Abril de 2010, 184.297 acessos e 93.275 reproduções das músicas disponibilizadas, enquanto o Hurtmold conta 149.191 acessos e 100.996 reproduções e a Retrofoguetes tem 84.070 acessos e 54.539 reproduções. É difícil imaginar que essas bandas possam alcançar números parecidos com esses pela vendagem de CDs.

¹¹ Video Music Brasil (VMB) é uma premiação anual da MTV para os artistas e bandas que se destacaram no cenário musical brasileiro. O evento é considerado um dos maiores e mais respeitados da música brasileira e foi realizado pela primeira vez em 1995.

¹² O Festival Produto Instrumental Bruto (PIB) é realizado em São Paulo, promovido pela Erativa Comunicação e Cultura, e já teve duas edições (2007 e 2009). É o único festival do país que se destina exclusivamente a nova cena de rock instrumental brasileiro e é dividido em quatro noites temáticas e tem formato competitivo.

¹³ *Underground* diz respeito a um modelo de produção e circulação de cultural fora das estratégias comerciais ligadas às grandes gravadoras, enquanto o *Mainstream* se dá exatamente ao contrário. Estratégias *Mainstream* se dão pelo uso de meios de grande audiência e o *Underground* se resume a fanzines e blogs de pouco alcance.



Outro fator importante é a rotulação das bandas. Devido a novidade ou desconhecimento de parte da crítica especializada e do público, o processo de rotular ou designar gêneros para as bandas da cena de rock instrumental é complexo.

Segundo Jeder Janotti Junior:

Toda definição de gênero pressupõe uma demarcação negativa e/ou comparativa com outros gêneros, ou seja, analisar um produto midiático através de uma perspectiva pressupõe perceber as relações entre esse produto e outros de diferentes gêneros, compará-lo com expressões canônicas ou similares dentro do mesmo paradigma. (2005, p. 05)

É de grande importância a rotulação da música para sua circulação, pois o gênero subentende uma estratégia de endereçamento do produto musical para o público-alvo. Todo gênero tem em suas características o uso de determinadas práticas musicais que têm em si um endereçamento para um público específico.

Assim, a configuração de determinados traços estilísticos de gênero em um produto midiático define um processo de produção de sentido e, conseqüentemente, de comunicação que pressupõe regras formais e ritualização partilhados por produtores e audiência. (JANOTTI Jr., 2005, p. 03-05)

Um dos problemas encontrados no processo de rotulação das bandas da nova cena instrumental é o uso excessivo do gênero *Post-Rock*. Boa parte das bandas brasileiras em entrevistas refuta o uso do rótulo por alegar ser “vazio” ou “ultrapassado”, geralmente atribuindo novas denominações ou agregando valores diferentes para a sua produção, além de reclamar autonomia criativa. Ainda na reportagem de Bruno Saito, Fernando Coelho, da banda Mama Cadela, diz: “Não gostamos de ser rotulados de ‘pós-rock’ (...) Fazemos música derretida” (SAITO, 2007). Pois, diferentemente das bandas estrangeiras percussoras do novo rock instrumental, as bandas nacionais não cabem mais dentro de gêneros como *Post-Rock*. A pluralidade das influências e das sonoridades não poderia ficar restrita em apenas um gênero limitado.

¹⁴ Álbum Virtual é uma ideia pioneira que possibilita ouvir e baixar discos inteiros de maneira legal e gratuita. No formato proposto pela Trama, o artista é remunerado por patrocinadores e o público ouve música de graça. O artista recebe um pagamento para que seu álbum fique disponível por um tempo determinado na internet. O conteúdo disponibilizado gratuitamente pelo Álbum Virtual Trama não possui proteção (DRM), assim você pode deixar no computador, copiar em CD, pen-drive ou em qualquer outra mídia que desejar. Além disso, o pacote para download traz uma série de facilidades para quem quiser, por exemplo, transferir os arquivos direto para o seu player de preferência. O projeto Álbum Virtual teve início em 2008 com o lançamento de Danç-Êh-Sá ao Vivo, de Tom Zé. Na seqüência, a Trama lançou: Artista Igual Pedreiro, Macaco Bong; Donkey, Cansei de Ser Sexy; Chapter 9, Ed Motta; C_mpl_te, Móveis Coloniais de Acaju. Os lançamentos foram patrocinados pela VR e Volkswagen. (http://albumvirtual.trama.uol.com.br/o_que_e)



ALÉM DO *POST-ROCK*

O termo “*Post-Rock*” foi usado a primeira vez pelo crítico musical Simon Reynolds na resenha do álbum *Hex*, da banda *Bask Psychosis*, publicada em março de 1994 na revista *Mojo*. O uso se deu para descrever uma música que se valia de uma instrumentação de rock (guitarra, baixo, bateria) para criação de um som que não fosse rock. Os *riffs*¹⁵ e acordes usuais deram espaço aos timbres e texturas extraídos dos instrumentos. Durante uma década esse termo virou rótulo para uma série de bandas que se encaixavam na descrição, como era o caso das pioneiras do estilo citadas na abertura do artigo.

A crítica musical brasileira importou o rótulo e começou a enquadrar trabalhos de novos grupos instrumentais que apareciam, com essa alcunha, como o caso do *Hurtmold* no início. Mas boa parte das bandas nacionais assume o rock como parte integrante, e fundamental, de seus trabalhos. Não seria correto analisar o som das bandas brasileiras instrumentais sem remeter ao rock. Nesse ponto, a proposta de classificação de gênero a partir do *Post-Rock* cairia por terra. Existem, claro, bandas que se encaixam no rótulo e assumem esse gênero como principal influência de seu trabalho.

Segundo Tatiana Lima,

Não se pode afirmar que regras genéricas fixem fronteiras no campo da Música Popular Massiva, pois os gêneros estão em constante mutação. Somente um gênero já extinto poderia ser mapeado em sua totalidade. A dificuldade em delimitar um gênero na Música Popular Massiva ocorre por que cada produto musical, ao tempo em que afirma características do gênero ao qual se inscreve, também expande as fronteiras desse gênero, por mobilizar elementos numa expressão singular. (2008, p.2)

Não é o objetivo deste artigo fixar linhas que delimitem e descrevam exatamente o modo de produção do gênero *Post-Rock*. Mas procurar entender características comuns das bandas instrumentais brasileiras que possam contribuir para o entendimento da cena de maneira geral. E perceber como o rótulo funciona como uma estratégia de endereçamento do produto musical e como ele atua num processo de formação de identidade de uma comunidade de gosto.

A análise aproxima este estudo do conceito de gênero midiático, que abrange não apenas os aspectos formais do produto, mas também os sociais, ideológicos e comunicacionais. Ou seja:



Os gêneros seriam, então, modos de mediação entre as estratégias produtivas e o sistema de recepção, entre os modelos e os usos que os receptores fazem destes através das leituras dos produtos midiáticos. Antes de ser um elemento imanente aos aspectos escritos da música, o gênero estaria presente no texto através de suas condições de produção e consumo. (JANOTTI Jr., 2006, p.137-138)

Não seria possível enquadrar um universo de bandas brasileiras que fazem uso de estéticas ligadas ao Reggae, *Dub*¹⁶, *Afrobeat*¹⁷, *Guitarrada*¹⁸, *Surf Music*¹⁹ e outros tantos estilos periféricos dentro do universo do gênero *Post-Rock*. O gênero não dá conta da diversidade de bandas existentes relacionadas à cena. A produção local de música instrumental, com influência de rock, rompe com algumas fronteiras do gênero.

Mesmo assim, se faz necessário entender as lógicas produtivas dessas bandas além do gênero *Post-Rock*, pois é possível encontrar pontos distintivos na cena, mas também, existem características que unem essas bandas em uma realidade comum. Ou buscar um termo mais amplo para esse cenário que contemple a pluralidade de sons produzidos no Brasil, bem como uma aproximação com o modo de circulação do produto desses artistas, ou utilizar rótulos já existentes para caracterização das bandas da cena.

Mesmo que na cena existam bandas que se distinguem uma da outra pelo som, as estratégias de produção e circulação da música são similares. As bandas de rock instrumental brasileiro são, em sua totalidade, independentes, portanto não vinculadas a nenhuma gravadora grande ou multinacional. Além da gravação ser realizada por conta própria, a distribuição de discos e músicas avulsas é feita pela Internet, aproveitando o alto alcance da rede e o custo reduzido para difusão. Mas essas características, não são inerentes apenas à cena de rock instrumental brasileiro, e sim, da nova formatação do modelo de produção da música independente no país. Outras cenas espalhadas pelo país se utilizam dos mesmos procedimentos. Como é o caso da cena de *Indie Rock* do Rio de Janeiro, analisada por João Freire Filho e Fernanda Fernandes.

São vários os elementos que contribuem para a sustentação e o fortalecimento da cultura do rock independente carioca, revigorando as redes de afiliações já existentes e criando novas possibilidades de alianças entre os indivíduos do movimento. Sites, fotologs de bandas independentes e listas de discussão na Internet são os principais veículos divulgadores da cena, onde se promove a integração entre público e artistas e noticiam-se shows. (2006, p. 37)

Portanto, existem relações estreitas entre as cenas de rock instrumental brasileiro e outras, como no caso da *Indie*. Há similaridades nos modelos de produção e



circulação, além dos mesmos aspectos ideológicos, mostrando que as cenas estão em constante diálogo e inseridas num mesmo cenário econômico, político e social. Isso acaba refletindo nas bandas. Mesmo existindo uma configuração específica para as bandas de rock instrumental, a conjuntura da música no país é a mesma para todas.

Em declaração ao site da MTV, na publicação “Sem Vocal: Conheça o rock instrumental brasileiro”, o baterista da Pata de Elefante, Gustavo Telles, comentou o preconceito que algumas bandas instrumentais sentiam, quando, de fato, o que deveria ser importante era a música, não a falta de vocal. Segundo ele:

Nosso caso é bem peculiar, porque a guitarra faz as melodias, faz o que o vocal faria. Utilizamos o formato e a estrutura da música pop, ou seja, nossas músicas têm introdução, meio e fim. Por isso, desde o início sempre tocamos no mesmo circuito das bandas com vocal. Também circulamos no circuito estritamente instrumental, mas posso dizer, com toda a certeza, que a maioria do nosso público é exatamente o mesmo que gosta de rock com vocal.

Então, deveriam ser analisados os pontos distintivos do som de cada banda e aí, sim, rotular de acordo com os traços de identidade das músicas. Nesse caso é preciso entender que o conceito de cena sugerido por Straw coloca em pauta as diferenças, que é possível construir uma cena com base na pluralidade. A existência de uma cena de rock instrumental brasileiro, onde existiriam vários gêneros se auto-influenciando, delimitando novas fronteiras e criando possibilidades de inovação.

Existe a possibilidade de bandas com influências de *Surf Music*, Rock Alternativo, *Afrobeat*, *Guitarrada*, *Blues*, *Jazz* e até mesmo *Post-Rock* figurarem mesma cena. A nova cena de rock instrumental brasileiro.

¹⁵ *Riff* é uma progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidas no contexto de uma música, formando a base ou acompanhamento. Riffs geralmente formam a base harmônica de músicas de jazz, blues e rock. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Riff>)

¹⁶ O *Dub* surgiu na Jamaica no final da década de 1960. Inicialmente era apenas uma forma de remix de músicas de Reggae, nos quais se retirava grande parte dos vocais e se valorizava o baixo e a bateria. Atualmente, o *Dub* não se limita apenas aos remixes, mas também a bandas que usam a estética do Reggae fazendo uso de delays, reverbs e echos na sonorização. Lee “Scratch” Perry é um dos nomes de maior influência.



CONCLUSÃO

É visível, portanto, o crescimento do interesse do público, da mídia e dos produtores culturais sobre a cena de rock instrumental brasileira. Novas bandas com propostas criativas e com uma diversidade de sons aparecem em pólos descentralizados do país mostrando que o surgimento da cena não se reduz a cidades maiores como São Paulo, mas, sim, ao país todo.

Mesmo o estilo sendo importado de países como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, os grupos brasileiros souberam adequar o rock instrumental aos ritmos regionais e de outras partes do mundo, criando uma cena híbrida com diversos gêneros. Tal resultado leva a crer que existe muita potencialidade no novo rock instrumental brasileiro.

Este artigo não se propõe a esmiuçar a exatidão da cena, mas sim, destacar pontos importantes e apresentá-la apontando o rápido crescimento e a aceitação do público que frequenta shows no circuito de festivais independentes do país, principalmente pelo público jovem.

Além disso, levantar a questão da incompatibilidade do gênero *Post-Rock* para rotulação das bandas da cena, principalmente para as que apareceram recentemente. Buscando um fim das barreiras que separam grupos “sem vocal” e “com vocal”, mostrando que o conceito de cena proposto por Straw defende a existência da diferença no ambiente cultural para a criação de uma rede de influência mútua.

E a medida que o número de bandas cresce, um novo nicho de mercado é criado para agentes responsáveis pelo surgimento da cena. Para estar a par desta realidade, é preciso conhecer o funcionamento da cadeia produtiva, atentando para uma abertura cada vez maior de publicações, festivais, plataformas para divulgação e do público para a nova cena de rock instrumental brasileira.

¹⁷ *Afrobeat* é uma combinação de música e ritmos africanos com o Jazz criado na década de 1970. O principal criador do *Afrobeat* e artista nigeriano exclusivo de longa data foi o multi-instrumentista e líder de banda Fela Kuti, que cunhou o termo *Afrobeat*, moldado a estrutura musical, e também o contexto político do gênero na Nigéria. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Afrobeat>)

¹⁸ *Guitarrada* é um gênero musical paraense instrumental nascido da fusão do choro com carimbó, cúmbia e jovem guarda, entre outros ritmos. A banda acreana Caldo de Piaba é um exemplo da cena de rock instrumental brasileira que é influenciada pelo gênero.

¹⁹ A *Surf Music* é um gênero de música popular associado a cultura do surf, surgido em Orange County e outras áreas do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos entre o fim dos anos 1950 e início da década de 1960. Bandas instrumentais brasileiras como Retrofoguetes e Pata de Elefante foram influenciados por grupos relacionados ao gênero.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Maria Clara Jobst de. **Hipertexto 2.0, Folksonomia e Memória Coletiva: um estudo das tags na organização da web.** In: CELACOM 2007: XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação, 2007, Pelotas. CELACOM 2007: XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação, 2007.

FILHO, João Freire e FERNANDES, Fernanda Marques. **Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical.** In: Comunicação & Música Popular Massiva. Salvador, Edufba, 2006.

JANOTTI JR., Jeder Silveira. **Dos Gêneros Textuais, Dos Discursos e Das Canções: uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático.** In: XIV Encontro Anual da Compós, 2005, Niterói. Textos dos GTs da XIV Compós, 2005.

_____. **Autenticidade e gêneros musicais: valor e distinção como formas de compreensão das culturas auditivas dos universos juvenis.** In: Revista Ponto-e-vírgula (PUC-SP), n. 4, p. 330-343, 2006.

LIMA, Tatiana Rodrigues. **A emergência do Mangubeat e as classificações de gênero.** Ícone (Recife), v. 10, p. 1-16, 2008.

SÁ, Simone Maria Andrade Pereira de. **Quem media a cultura do shuffle? Cibercultura, mídia e gêneros.** In: ALAIC - Associação Latino Americana de pesquisadores de Comunicação, 2006, São Leopoldo - RS. ANAIS da ALAIC. São Leopoldo - RS : ALAIC/UNISINOS.

SAITO, Bruno Yutaka. **Rock esquisitão.** Folha de São Paulo, São Paulo, 17 julho de 2007. Ilustrada, p. 1.

STRAW, Will. **Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music.** Cultural Studies. Vol 5, n. 3 (Oct. 1991)